



12 e 13 de Novembro de 2018

8^o Fórum de Pós-Graduação do Colégio
Brasileiro de Ciências do Esporte

5^o Fórum de Pesquisadores das Subáreas
Sociocultural e Pedagógica da Educação Física



OCUPAÇÕES SECUNDARISTAS ATRAVÉS DO FACEBOOK: A ESCOLA QUE SE FEZ E A ESCOLA QUE SE QUIS

Juliana Cotting Teixeira, Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
juliana.cotting.tx@gmail.com

Gustavo da Silva Freitas, Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
gsf78_ef@hotmail.com

Paula Corrêa Henning, Universidade Federal do Rio Grande (FURG)
paula.c.henning@gmail.com

RESUMO

O estudo analisou marcadores de subjetividade nos estudantes que ocuparam suas escolas em maio e junho de 2016, na cidade de Rio Grande/RS, através de postagens no facebook. Utilizamos a problematização foucaultiana como método de análise dos dados. Dividimos os resultados em dois marcadores, nomeados como a Escola que se fez e a Escola que se quis, indicando pistas de uma heterotopia da instituição escolar produzida em meio a utopia de torná-la um outro lugar.

PALAVRAS-CHAVE: Ocupação. Secundaristas. Escola.

INTRODUÇÃO

A “primavera secundarista” (UBES, 2018) teve início no estado de São Paulo, em novembro de 2015, como tática de oposição à reorganização escolar proposta pelo governo Alckmin, atingindo mais de 200 escolas ocupadas em poucos meses, chegando ao Rio de Janeiro, Minas Gerais, Ceará, Paraná, Rio Grande do Sul, entre outras regiões¹

¹ No cenário gaúcho, as ocupações ganham força por volta de maio de 2016 e se espalham rapidamente pelo estado, chegando a previsões de mais de 150 escolas ocupadas no mesmo mês (SEVERO; SEGUNDO, 2017). Em Rio Grande, grande parte das ocupações do período (onze escolas no total) esteve articulada intimamente com a deflagração de greve dos professores da rede estadual, decidida em Assembleia pelo Centro



Dentre uma explosão de ditos sobre o movimento, os espaços virtuais de produção e circulação de sentidos puderam ser utilizados não só por especialistas e pesquisadores da educação atentos a onda secundarista, mas, sobretudo, pelos próprios sujeitos ocupantes, na medida em que a internet e as redes sociais constituíram ao movimento ferramentas potentes de ação política e de participação.

Peter Pál Pelbart (2016), em “Carta aberta aos secundaristas”, nos mobiliza a pensar numa outra geografia da conflitualidade posta em jogo pelas ocupações. Uma delas assenta-se na ocupação das redes sociais, marcando uma conflitualidade ao mesmo tempo presencial e virtual, nos ensinando que “também as formas de resistência se reinventam” (PELBART, 2016, s/p.).

Nos dias de hoje, submetidas a um movimento cultural de exaltação das liberdades (VEIGA-NETO, 2017) e a um contexto informacional hiperconectado, assistimos as subjetividades estudantis deslocando-se de um território outrora marcado pela aversão e desejo de tombar os muros da escola, a um tipo de relação mais otimista e entusiasmada com as possibilidades de fazer da instituição outro espaço. Logo, esse estudo teve por objetivo analisar alguns marcadores de subjetividade² dos estudantes envolvidos com o movimento secundarista na cidade de Rio Grande/RS, através de postagens publicadas pelo *facebook* das ocupações.

MÉTODO E CORPUS DE ANÁLISE

Paralelamente a ocupação física das escolas em maio e junho de 2016, cada instituição, através de seus estudantes, pôde organizar uma página no *facebook* visando divulgar acontecimentos e compartilhar saberes entre escolas ocupadas. As postagens dessas

dos Professores do estado do Rio Grande do Sul – Sindicato dos Trabalhadores em Educação (CPERS/RS) a partir de 16 de maio de 2016.

² A “subjetivação é tanto a forma como os seres humanos são transformados em sujeitos através do saber, do poder e das formas de governo, assim como, as relações estabelecidas para consigo, tornando-se sujeito da própria existência” (REVEL, 2005, p. 82).



páginas constituem o corpus de análise desse estudo. Seleccionamos as três com maior número de seguidores e curtidas, ficando com as seguintes comunidades virtuais: Comunidade Ocupa JM (com 1.073 curtidas e 1.066 seguidores); Comunidade União Libertária Estudantil Silva Gama (com 917 curtidas e 909 seguidores); Comunidade Ocupa Loréa (com 700 curtidas). Para esse resumo, em função do espaço reduzido, optamos por apenas indicar o que dizem as enunciações analisadas em detrimento de demonstrá-las em forma de *print* (imagem).

A problematização foucaultiana (2010) foi utilizada como método de análise dos dados. Problematizar é o exercício permanente de suspensão das respostas fáceis, das auto afirmativas explicativas, das nossas verdades instituídas, daquilo que nomeamos e conhecemos de forma inquestionável no presente, do nosso modo de pensar e agir, em nossas práticas, em nossas vidas, e que se materializa, sobretudo, através do discurso.

UMA ESCOLA QUE SE FEZ

Três postagens foram analisadas neste marcador, forjando traços de uma sensibilidade ético-política dos estudantes para os saberes sintonizados com a arte, com a História e a Filosofia. Com a arte, houve realização frequente de saraus e apresentações de música, cinema e grafite (Ocupa Loréa). Com a História, identificamos o convite de graduandos e professores da própria escola a ministrar aulas sobre Ditadura militar no Brasil (União Libertária Estudantil Silva Gama), e, com a Filosofia, notamos uma aproximação com expressões filosóficas de Nietzsche compondo a foto de capa de eventos organizados e realizados durante as ocupações (Ocupa JM)

Foram raras as atividades produzidas em torno das disciplinas tradicionais escolares, mesmo estando os sujeitos secundaristas atravessando uma etapa da educação básica tão marcada pela formação para o trabalho e pela promessa de aprovação no ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. Assim, se faz evidente os arranjos do “currículo como um campo de luta em torno da significação e da identidade” (SILVA, 2005, p. 134), que no caso das ocupações, puderam disparar uma série de saberes emergentes que historicamente não vem sendo privilegiados pelas instituições.



No campo das formas de fazer, encontramos: rodas de conversas; oficinas; saraus; cine-debates; conversas em roda; palestras e momento *relax*. Os estudantes puderam gerenciar a rotina de suas escolas reorganizando as disposições disciplinares que há mais de dois séculos vem sustentando as práticas e as condutas estudantis, hierarquizando e selecionando saberes e poderes com vistas a dar um estatuto científico e tecnológico ao Ensino Médio.

Nessa esteira, Foucault vai se interessar e investir no que há de heterogêneo nos lugares, buscando identificar aqueles outros espaços que “têm a curiosa propriedade de estar em relação com todos os outros posicionamentos de um tal modo que eles suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações que se encontram por eles designadas, refletidas ou pensadas” (2009b, p. 414).

Esses outros espaços podem ser tomados de duas maneiras. São as utopias – posicionamentos sem lugar real, espaços irrealis, ou ainda, “a sociedade aperfeiçoada” (p. 415) -; e as heterotopias, “espaços efetivamente reais encontrados na cultura que estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos, lugares fora de todos os lugares, embora efetivamente localizáveis” (FOUCAULT, 2009b, p. 415).

Essa sensibilidade ético-política a uma outra relação com os saberes e com os modos de fazer identificadas numa escola que efetivamente se fez durante as ocupações, possibilitaram a produção de uma heterotopia à instituição escolar tão marcada pelo estigma da crise e, paradoxalmente, tão engessada da possibilidade de mudar a si mesma.

UMA ESCOLA QUE SE QUIS

A escola que se quis passou pela negação do autoritarismo, pelo necessário protagonismo dos estudantes e pelo desejo de uma escola mais plural e colorida (Ocupa JM); pela extinção das parcerias público-privadas nas escolas, melhor investimento financeiro em infraestrutura física e pessoal, garantia de boa remuneração aos trabalhadores da educação, passe livre aos estudantes, boa comida, conservação das cotas raciais e sociais (União Libertária Estudantil Silva Gama); e, por fim, pela integralidade das aulas, dos salários e das merendas, como critérios mínimos de qualidade (Ocupa Loréa).



As ocupações puderam produzir resistência não só ao contexto local de suas escolas, com a condução de um outro currículo e de uma outra escola possível, mas também, junto às pautas dos professores e do movimento grevista, em combate constante junto ao Estado. Guattari e Rolnik (2013) vão alertar que “não é fingindo que o Estado não exista que vamos transformar as formas vigentes” (p. 102), isto é, a luta molecular, micropolítica, sozinha, por vezes não dá conta de desequilibrar as relações de forças e produzir os efeitos esperados pela ação política, uma vez que as lutas sociais são sempre molares e moleculares: “Tomemos como exemplo o problema do escoramento de um telhado: a questão que se coloca não é a de saber se escorá-lo é ou não revolucionário, mas sim se estamos correndo o risco de que ele nos desabe sobre a cabeça” (GUATTARI, ROLNIK, 2013, p. 215).

Assim, o telhado a desabar, segundo a ação política das ocupações, encontra-se na alçada das ações do Estado, nas suas investidas de entrega da escola pública a privatização; no sucateamento do serviço educacional – com o parcelamento dos salários dos servidores, falta de verba de manutenção das escolas e diminuição do efetivo docente – e que, como um de seus efeitos, produz certos limites as possibilidades de constituir-se estudante pelos secundaristas, instituindo o dissenso, o incômodo, a revolta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com as análises tecidas, identificamos a produção de uma heterotopia à instituição escolar, constituída no cotidiano efetivamente realizado das ocupações secundaristas, compondo uma nova disposição dos saberes privilegiados e das formas de fazer. Com isso, cabe destacar que não se tratou de uma substituição do *modus operandi* da escola tradicional, ocupada historicamente pelos arranjos e mecanismos de poder-saber tão bem descritos por Foucault (2009) e estudiosos do campo da educação. As ocupações secundaristas desenvolveram uma heterotopia da escola, justamente, pela capacidade de constituírem-na como limite, avesso e co-funcionamento à instituição como espaço homogêneo, como lugar do instituído. Logo, não se tratou de um modelo novo, que procurou



derrubar toda possibilidade ultrapassada de escola, mas de uma escola paralela, simbiótica, possibilitada pelo efetivamente realizável e realizado no cotidiano das ocupações como protesto e resistência.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que puderam fazer heterotopia da escola, não cessaram de desejar um espaço outro e de desenhar os contornos de uma promessa revolucionária – utópica – à escola. Logo, no exercício político de criação de heterotopias, esteve, concomitantemente presente, e talvez, estrategicamente, o desejo de tracejo “do dia seguinte, da alvorada, da aurora, do novo dia que nasce” (FOUCAULT, 2006, p. 96), típicas de uma economia do pensamento da ação política de orientação apocalíptica.

SECONDARY OCCUPATIONS THROUGH THE FACEBOOK: THE SCHOOL THAT WAS DONE AND THE SCHOOL YOU WANTED

ABSTRACT

The study analyzed markers of subjectivity in the students who occupied their schools in May and June of 2016, in the city of Rio Grande / RS, through facebook posts. We used the Foucaultian problematization as a method of data analysis. We divided the results into two markers, named as the School that was made and the School that was wanted, indicating clues of a heterotopia of the scholastic institution produced amid the utopia of making it another place.

KEY WORDS: Occupation. Secondaries. School.

OCUPACIONES SECUNDARISTAS A TRAVÉS DEL FACEBOOK: LA ESCUELA QUE SE HIZO Y LA ESCUELA QUE SE QUIEN

RESUMEN

El estudio analizó marcadores de subjetividad en los estudiantes que ocuparon sus escuelas en mayo y junio de 2016, en la ciudad de Rio Grande / RS, a través de posturas en facebook. Utilizamos la problematización foucaultiana como método de análisis de los datos. Dividimos los resultados en dos marcadores, nombrados como la Escuela que se hizo y la Escuela que se quiso, indicando pistas de una heterotopía de la institución escolar producida en medio de la utopía de convertirla en otro lugar.

PALABRAS CLAVE: Ocupación. La escuela secundaria. Escuela.



REFERÊNCIAS

- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 37ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009a. _____ **Ditos e Escritos**, volume V: ética, sexualidade, política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. Outros espaços. In: MOTTA, Manuel Barros (org.). **Ditos & Escritos III: Estética, Literatura e Pintura, Música e Cinema**, 2ª edição, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2009b, p. 411-422.
- _____. **A arqueologia do saber**. 7 ed. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- _____. Eu sou um pirotécnico. In: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault Entrevistas**. São Paulo: Graal, 2006, p. 67-100.
- GUATTARI, F; ROLNIK, S. **Micropolíticas: cartografias do desejo**. 12. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- PELBART, P. **Carta aberta aos secundaristas**. CGC Comunicação em Educação. 2016. Disponível em: <http://cgceducacao.com.br/carta-aberta-aos-secundaristas/>. Acesso em: 25 de abr. 2018.
- SEVERO, R; SEGUNDO, M. #Ocupatadors – socialização política entre jovens estudantes nas ocupações de escolas no rio grande do sul. **ETD- Educação Temática Digital**, Campinas, SP v.19 n.1 p. 73-98 jan./mar. 2017.
- SILVA, T. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES). Luta secundarista resiste nas 236 escolas ocupadas em todo Brasil. Site da UBES. 2016. Disponível em: <https://ubes.org.br/2016/luta-secundarista-resiste-nas-236-escolas-ocupadas-em-todo-brasil/> . Acesso em: 20 de abr. 2018.
- VEIGA-NETO, A. **Educação e governamentalidade neoliberal: novos dispositivos, novas subjetividades**. Unicamp. 2017. Disponível em: <http://www.lite.fe.unicamp.br/cursos/nt/ta5.13.htm>. Acesso em: 25 abr. 2018.